

Beato Sabino

Olavo Delgado Correia



Beato Sabino

Imprensa Nacional
é a marca editorial da **INCM**

Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A.
Av. de António José de Almeida
1000-042 Lisboa

www.incm.pt
www.facebook.com/ImprensaNacional
prelo.incm.pt
editorial.apoiocliente@incm.pt

© Olavo Delgado Correia
e Imprensa Nacional-Casa da Moeda

TÍTULO
Beato Sabino

AUTOR
Olavo Delgado Correia

REVISÃO
Maria José Godinho

CAPA
Rita Múrias

CONCEÇÃO GRÁFICA E PAGINAÇÃO
Imprensa Nacional-Casa da Moeda

IMPRESSÃO E ACABAMENTOS
Imprensa Nacional-Casa da Moeda

1.ª EDIÇÃO
Julho de 2019

ISBN 978-972-27-2795-2
DEPÓSITO LEGAL 458 652/19
EDIÇÃO N.º 1023436



**Beato
Sabino**

Olavo Delgado Correia

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

Não estando a mais de uns trezentos metros da estrada principal, que até está asfaltada, a casa, coberta de telhas francesas, não tem bons acessos que permitem aos carros lá chegar sem fortes solavancos. Fica numa ribeira, um tanto ou quanto isolada da restante aldeia e tem ao lado um riacho que quando chove corre gordo.

À frente, frui uma cancela coberta de folhas de tamareira, com finas brechas por onde um pé de buganvília, que agasalha os pardais na paz, deixa passar bom aroma. O pé de buganvília cresceu grande e seus galhos repousam em cima da cobertura de palha em perfeita harmonia com a natureza, uma jeitosa obra. Antes da cancela, coisa de vinte metros, está um pé de tendente que dá uma sombra acolhedora.

O corpo foi encontrado pelos miúdos da aldeia próxima que por ali passam todos os dias, atrás do gado. Como não era costume passarem sem

que o velho os contemplasse com um sorriso e como, também, havia dois dias que não o avisavam, e para não serem três, de manhã cedo, quando conduziam seus animais, foram até à casa do velho. Viram a porta da cancela aberta e a porta de entrada semiaberta. Nem foi preciso muito esforço. Empurraram a porta de mogno, um passo adentro, foram entrando, e no quarto, em cima da marquesa, já gasta da tinta original, depararam com o velho ali jazido, frio. Bem que tentaram sacudi-lo, mas *vixit*, viveu!

A polícia, com mais atraso, menos atraso, veio tomar conta da ocorrência. Comprovado que o homem estava mesmo cadáver foi chamado o Senhor Delegado de Saúde e informado o Senhor Procurador para o levantamento do corpo.

O morto chama-se Sabino. Beato Sabino. Este era o único nome por que era conhecido pelos miúdos e alguns adultos que já rodeavam a casa, saciando a curiosidade. Logo se veio também a confirmar que de facto chamava-se Sabino. Pelo menos, Sabino era um dos nomes. Seu nome completo era Zacarias Sabino Pinto porque numa gaveta da banca de cabeceira estava o seu bilhete de identidade com sua fotografia estampada. E é em cima da mesma banca de cabeceira que as autoridades, durante a rotineira diligência, encontraram também um bilheteinho

escrito com finas letras «II Reis». O bilhetinho, com a dúbia mensagem, não parecia ser nada fresco. Estava amarrotado e parecia ter sugado uma boa dose de borra de café. Pelo sim, pelo não, o bilhetinho foi logo confiscado pelo Senhor Procurador juntamente com o bilhete de identidade do velho.

O cadáver foi levantado e numa ambulância transladado para a morgue do Hospital Agostinho Neto para a competente autópsia do pobre homem.

Antes de continuar, fica esta bagatela como informação adicional. Refere-se aqui à morte de um homem, num concelho a, mais ou menos, treze quilómetros da Praia, com duas estradas principais que mais parecem uma tesoura com as pernas abertas. Neste concelho não existe uma dependência da Polícia Judiciária e nem um médico legista na delegacia de saúde local. Fica explicado o porquê da transladação do corpo para a cidade capitalina.

Dizíamos pobre homem, porque de Beato Sabino não foi possível encontrar um familiar ou conhecido. Nem mesmo uma tal senhora, que se diz costumava frequentar sua casa. Pelo menos, conseguiram saber as autoridades que aos sábados de manhã era por lá vista, e com alguma frequência.

Ao que chegámos! Nossos velhos já vivem solitários, já morrem abandonados, sozinhos em casa.

Beato Sabino esperou três dias pela autópsia e o laudo médico confirmou morte natural. O corpo foi conservado por mais três dias nos frigoríficos da Psiquiatria da Trindade, sem que houvesse uma viva-alma a reivindicá-lo parentesco. Ora, não sendo de se desperdiçar mais consumo de energia com o cadáver, numa tarde, já com o sol a pôr-se, o corpo foi transportado numa carrinha da municipalidade capitalina, que o entregou no Cemitério da Várzea para ser dado à terra, embrulhado num manto branco, sem cortejo fúnebre, sem os habituais *sentidos pêsames!*

Desde a primeira hora da denúncia da morte do Beato, às ordens do Senhor Procurador, a Polícia Nacional montou na casa um perímetro de segurança e também lá plantou uma vigia até que, porventura, apareça algum conhecido ou familiar, ainda que distante.

Enquanto este conhecido ou familiar não aparecer na esquina do horizonte e porque nesta nação já se aprendeu a proteger a propriedade privada, lá estará alguém de plantão, dia e noite e noite e dia, a zelar a casa e os pertences do velho. Não venha a cumprir-se o ditado que diz que a oportunidade faz o ladrão. Ou, como quem diz, o seguro morreu de velho.

O policial destacado para esta nobre missão é um Agente de Segunda Classe, ainda fresco na corporação, portanto, ainda em regime de tirocínio.

As ordens mais do que expressas que ao Jovem Agente foram dadas eram de não entrar

na casa nem deixar ninguém lá entrar, até uma decisão em contrário. Ora bem, não fosse o Jovem Agente disciplinado, ao ponto de resistir a várias tentações, as ordens expressas, no mesmo dia, quase que iam por água abaixo. A chefia lá terá esquecido, por completo, dele.

O desafortunado do Jovem Agente, para não passar a noite ao relento, pensou por várias vezes se abrigar naquela residência, mas acabou por não o fazer. Cumpriu, à risca, com as orientações superiores. Aliás, como manda a obrigação no início do exercício de uma carreira profissional. Teve necessário discernimento e não transgrediu.

Passou a noite sem dormir, sem comer e sem abrigo até o raiar do dia seguinte, quando lhe chegou por perto o Senhor Chefe de Esquadra e o Senhor Procurador acompanhados de um outro Jovem Agente mais um sujeito de fato-de-macaco com uma malinha de ferramentas na mão. Este era um carpinteiro contratado para mudar a fechadura da porta principal da casa do falecido.

Estava na hora, bem que merecida, de render guarda ao Jovem Agente, até o outro dia. Mas antes que fosse embora entregou-se-lhe uma caneta e um bloco de notas onde devia, no dia seguinte quando retomar o posto, apontar tudo o que havia na casa, tim-tim por tim-tim.

Ah, também uma máquina fotográfica digital, que, diga-se de passagem, já lhe era bem conhecida porque, por sinal, na formação policial é-lhes ensinado a manejar tais aparelhos. De resto, logo que terminasse o inventário dos pertences do falecido e fotografasse tudo o que estivesse ao alcance da vista que comunicasse imediatamente à chefia. Como era uma tarefa que se podia fazer num abrir e fechar de olhos, entre o Senhor Procurador e o Senhor Chefe de Esquadra ficou combinado que ao Jovem Agente se devia, perfeitamente, entregar tal empreendimento, até porque também segundo concordância entre os dois era uma oportunidade de começar a dar-lhe espaço, no início de carreira, para demonstrar responsabilidade e ganhar traquejo.

É claro que há aqui uma boa dose de cinismo pelo meio, tanto do Senhor Procurador como do Senhor Chefe de Esquadra, pois demonstrar responsabilidade e ganhar traquejo por fazer um inventário na casa de um velho que morreu solitário não lembraria o diabo. Mas, enfim, esta conversa não foi falada diante do Jovem Agente e tal como sabemos, saberá ele também, o que o olho não vê o coração não chora. O povo assim diz bastas vezes, e o deve ser por alguma razão.

Como o carpinteiro foi lesto em mostrar serviço, ao Jovem Agente foi também entregue uma

cópia das novas chaves da casa. As ordens mais do que expressas, agora, ficaram pela metade. Não deixar mais ninguém penetrar a casa.

Às vezes é preciso o desnecessário. É desnecessário dizer que o Jovem Agente está a prestar serviço a treze quilómetros da cidade capitalina, mas, é preciso dizê-lo porque mora na capital. Assim sendo, seu chefe deu-lhe uma boleia até onde, literalmente, começa a tal estrada, a tesoura de pernas abertas. Ali apanhou um Hiace rumo a Sucupira para depois fazer caminho pela rampa do Bairro Craveiro Lopes à casa da mãe, com quem morava. Mal chegado pôs-se a dormir que nem um boi até à hora do almoço.

Satisfeito com um prato cuculado de feijão-congo, arroz e um bife de atum por cima, e acabado de engolir um copo de água, deu um beijo à mãe e saiu. Entrou num minimercado, comprou um sabonete, uma escova e uma pasta de dentes. Meteu-os na mochila, junto a alguns haveres pessoais, que providenciara, tomou outro Hiace, também no Sucupira, e voltou ao posto de trabalho com a sua farda bem engomada e as suas botas a brilharem da nova camada de graxa com que as polira. Bem se vê que faz parte daqueles que dão uma boa imagem da nossa Polícia Nacional, ainda que por fora. Vá-se lá ver por dentro!

Ao que chegámos! Nossos velhos já vivem solitários, já morrem abandonados, sozinhos em casa.

Beato Sabino esperou três dias pela autópsia e o laudo médico confirmou morte natural. O corpo foi conservado por mais três dias nos frigoríficos da Psiquiatria da Trindade, sem que houvesse uma viva-alma a reivindicá-lo parentesco. Ora, não sendo de se desperdiçar mais consumo de energia com o cadáver, numa tarde, já com o sol a pôr-se, o corpo foi transportado numa carrinha da municipalidade capitalina, que o entregou no Cemitério da Várzea para ser dado à terra, embrulhado num manto branco, sem cortejo fúnebre, sem os habituais *sentidos pêsames!*